

# 1. Introdução

“Las palabras del idioma analítico de John Wilkins no son torpes símbolos arbitrarios; cada una de las letras que las integran es significativa, como lo fueran las de La Sagrada Escritura para los cabalistas. Mauthner observa que los niños podrían aprender ese idioma sin saber que es artificial; después en el colegio, descubrirían que es también una clave universal y una enciclopedia secreta.” (Jorge Luis Borges, El idioma analítico de John Wilkins. In: *Otras inquisiciones*, 1996)

A questão da diversidade linguística tem intrigado os homens desde o início da humanidade. Vários estudos já foram realizados a fim de compreender melhor as origens de tantas línguas no mundo. Além disso, o homem parece estar constantemente em busca de uma língua única e universal. Supostamente, esta língua seria responsável por uma comunicação mais eficiente entre os seres humanos.

Em 2003 travei meu primeiro contato com o NETS (Núcleo de Estudos em Tecnologia e Subjetividade), coordenado pela professora Ana Maria Nicolaci-da-Costa no Departamento de Psicologia da PUC-Rio. Desde então, fiquei cada vez mais interessada pelos mundos da leitura, da escrita e da comunicação on-line e tudo aquilo que lhes dizem respeito. Para uma melhor compreensão das evoluções e revoluções destes mundos, propus, durante minha investigação de mestrado, uma “viagem” ao passado. Tal “viagem” teve início na Antiguidade grega e romana, com a escrita e a leitura em rolos de papiro e pergaminho. Posteriormente, percorreu o período compreendido entre os séculos II e IV da era cristã, no qual foi possível observar o livro em forma de códice manuscrito. A “viagem” incluiu também o final da Idade Média, entre os séculos XIV e XV, e a grande revolução gerada por Gutenberg, neste período, com a invenção da imprensa. A parada final da “jornada” foi a contemporaneidade, período no qual surgiu a tela do computador como suporte de escrita e de leitura. Este novo suporte alterou significativamente as práticas de leitura e de escrita e as relações entre escritores e leitores. Foi no contexto destas transformações, principalmente das alterações concernentes à interação e comunicação entre escritores e leitores a partir do auxílio de ferramentas textuais encontradas na Internet, que minha dissertação de mestrado se inseriu. Entre várias ferramentas textuais

contemporâneas – como *blogs*, *sites*, e-mails, salas de bate-papo, etc. –, escolhi os *blogs*, seus escritores (chamados de blogueiros) e seus leitores como objeto de estudo principal.

A partir desta escolha, os estudos do historiador francês Roger Chartier se tornaram fundamentais para minhas reflexões e trouxeram vários questionamentos a respeito da Internet como a responsável pela mais recente “revolução da escrita e da leitura”. Durante a elaboração da minha dissertação de mestrado foi possível travar o primeiro contato com o que Chartier (1999) chama de “o sonho de Kant”, isto é, o sonho inerente ao período iluminista de que cada um fosse ao mesmo tempo leitor e autor, que emitisse juízos sobre as instituições de seu tempo e que, simultaneamente, pudesse refletir sobre o juízo emitido pelos outros. Chamou-me a atenção, também, a constatação de Chartier (2001) de que, segundo Kant, o processo do Iluminismo estaria completo quando a entidade abstrata e filosófica de uma opinião pública fosse adequada ou igual à realidade social do universo e quando cada pessoa, com as capacidades de leitura e de escrita, pudesse atuar em uma dimensão crítica na sociedade. Estas questões me intrigaram, mas não puderam ser exploradas durante o mestrado, pois minha pesquisa tinha como foco as relações entre escritores de *blogs* e seus leitores.

Tendo o sonho de Kant e o período do Iluminismo em mente, decidi investigar com mais detalhes o que significava este sonho. A partir da leitura que fiz do texto de Kant (2005/1784a) intitulado “Resposta à pergunta: Que é ‘esclarecimento’ (*Aufklärung*)?”, passei a fazer uma série de questionamentos em relação a esse período tão interessante do século XVIII. No entanto, a definição de Iluminismo contida no texto de Kant (2005/1784a) não abarcava a questão da linguagem, o que considerei curioso. Decidi dar continuidade às leituras dos filósofos do período do Iluminismo à procura de menções à linguagem.

A partir das leituras feitas, foi possível perceber que a discussão sobre a comunicação entre os homens e a diversidade das línguas tem dominado o círculo de alguns filósofos desde a Antiguidade Clássica até os dias atuais. O fato é que, desde as primeiras indagações feitas por Platão (427 – 347 a.C) e Aristóteles (384 – 322 a.C), filósofos e linguistas não param de investigar as línguas humanas e tudo que lhes concerne. Platão e Aristóteles, com suas necessidades insaciáveis de questionar o mundo em que viviam, formularam questões básicas sobre linguagem, às quais muitos outros filósofos tentaram e ainda tentam responder e entender. Podemos afirmar que estes dois filósofos

foram os precursores das discussões e investigações acerca da comunicação entre os homens e, principalmente, das características das línguas.

Essa busca ávida das características das línguas, suas origens e principalmente dos seus pontos em comum pode estar diretamente relacionada ao fato de alguns filósofos e estudiosos estarem à procura da primeira língua da humanidade, a língua original e única que eles acreditam ter existido. Na realidade, a diversidade linguística nunca deixou de ser objeto de pesquisas e as perguntas que ainda permanecem são: se todas as línguas possivelmente derivam de uma única língua originária, quando e onde esta foi falada? Por que e como ela se desmembrou de tal forma a originar de 4.500 a 6.000<sup>1</sup> línguas na contemporaneidade?

É importante ressaltar que, de acordo com Franchetto e Leite (2004), as línguas não são infinitamente diversas entre si, ou seja, a diversidade é contida dentro de limites claros. Elas afirmam que há características profundas comuns a todas as línguas, princípios e operações que encontramos em todas elas. No entanto, ainda estamos longe de poder descobrir se realmente existe uma origem comum a todas as línguas faladas pelos homens. O que podemos afirmar é que, partindo da crença de que há uma língua comum e originária de todas as outras, alguns filósofos defendem a criação e utilização de uma língua única pelos homens. Tal língua seria criada com base nas características comuns e inerentes a todas as línguas existentes e, acima de tudo, possibilitaria a comunicação entre os homens, sem priorizar uma língua específica em relação às outras. Esta língua seria considerada a língua universal dos homens e, conseqüentemente, possibilitaria a comunicação entre eles. Optei por questionar tal proposta e investigar se uma língua única é realmente necessária e possível.

Meu estudo tem como objetivo principal discutir a constante busca de uma língua única de comunicação desde o Iluminismo até a contemporaneidade, principalmente após o advento da Internet e suas 3 gerações: a Web 1.0, a Web 2.0 e a Web Semântica (Web 3.0). Certamente trata-se de um período muito longo e por isso um recorte foi necessário.

Tendo estas questões como pano de fundo, o segundo capítulo, *O Século das Luzes*, inicia-se com uma breve descrição do período iluminista apoiado no texto de Kant (2005/1784a) intitulado “Resposta à pergunta: Que é ‘esclarecimento’ (*Aufklärung*)?”. A ausência neste texto de uma discussão a respeito da linguagem no Iluminismo me instigou e levou a alguns de seus

---

<sup>1</sup> Para mais detalhes verificar Franchetto e Leite (2004).

contemporâneos como Condorcet (1993/1793) e Condillac (1973/1780, 1973/1798). Estes dois filósofos franceses foram escolhidos porque, além de suas discussões se assemelharem às de Kant, eles abordam a questão da linguagem em seus textos. Com base nas obras desses dois filósofos, comecei a discutir a criação de uma língua universal e as suas consequências. Posteriormente, a obra de Eco (2002) foi usada durante a apresentação e discussão de alguns projetos de língua universal surgidos nos séculos XIX e na primeira metade do século XX. Finalmente, algumas das razões para os fracassos dos projetos de língua universal foram apresentadas a partir dos trabalhos de Marcondes (1989), Santo Agostinho (1956/389) e Locke (2005/1690).

A investigação prosseguiu cronologicamente, e o capítulo 3, *A língua inglesa e seu papel a partir da segunda metade do século XX*, teve como objetivo continuar investigando a busca de uma língua única. Considerando que, a partir da segunda metade do século XX, não houve mais projetos relevantes que tivessem como objetivo a criação de tal língua, esta discussão foi substituída pelo debate a respeito da utilização da língua inglesa como língua única de comunicação. Visando auxiliar essa discussão, lancei mão das obras dos seguintes linguistas: Crystal (2006, 2005, 2003), Seidlhofer (2005, 2004, 2003, 2002, 2001) e Rajagopalan (2005, 2004a, 2004b). Tal escolha ocorreu pelo fato de estes apresentarem em suas obras, de forma implícita, sugestões de projetos de uma língua única fundamentada na língua natural mais amplamente disseminada no mundo: a língua inglesa.

O capítulo seguinte, *A comunicação na Rede*, tem como foco a investigação da busca de uma língua única após a Revolução Digital. As considerações de Crystal (2008, 2006, 2005, 2003) foram utilizadas como ponto de partida para as discussões a respeito do papel da língua inglesa na comunicação mediada por computador desde o surgimento da Internet até os dias de hoje. Um breve histórico da presença das línguas na Rede foi desenvolvido com o auxílio de outros estudiosos como Danet & Herring (2007), Paolillo (2007), Di Luccio (2005, 2003), Wright (2004), Nunberg (2002), Nicolaci-da-Costa (2005a, 2005b, 1998), Santos (1999a, 1999b) e Alfaro e Dias (1998). Este histórico iniciou-se com a Internet monolíngue, tendo o inglês como língua mãe, até chegar ao seu caráter multilíngue dos dias de hoje.

No capítulo 5, *A Web dos Significados*, são comparadas as 3 gerações já existentes na Rede: a Web 1.0, a Web 2.0 e a Web 3.0 (a Web Semântica). A partir das obras de Nicolaci-da-Costa (2009a, 2009b, 2006, 2002, 1998),

Berners-Lee (2001), Wittgenstein (2004/1958) e Marcondes (2000) é possível perceber que a Internet, ao longo das suas três gerações, vem se tornando cada vez mais interativa, democrática e colaborativa. Estas características, associadas ao caráter multilíngue da Web, fazem com que qualquer discussão a respeito da elaboração de um projeto de língua universal se torne irrelevante.

Finalmente, a investigação desenvolvida nesta tese sugere que a nova geração da Internet, a Web 3.0, está viabilizando o livre armazenamento, a integração e o compartilhamento de todo tipo de informação. Assim sendo, torna-se possível o acesso ao conhecimento por parte de todo e qualquer usuário, independentemente de sua origem ou da língua que fale, nos conduzindo, talvez, de volta ao *projeto enciclopedista* e ao desejo dos iluministas de saída da obscuridade e chegada ao estágio de esclarecimento.